

O ENSINO SOFISTA

Thatiane Santos Meneses*

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo analisar a metodologia de ensino empregada pelos sofistas ao ensinar as técnicas de persuasão aos jovens atenienses. O ensino na Grécia Antiga, especialmente em Atenas, tinha maior relevância entre os jovens, a quem eram passados os principais preceitos sobre política, fazendo deles o maior público alvo dos sofistas. A pesquisa tem como objetivos específicos investigar a existência do método de ensino empregado pelos sofistas e a importância dele para a evolução social e política de Atenas. O tema é relevante para a compreensão do ensino sofístico, especialmente no tocante à retórica.

Palavras-Chave: Sofistas. Ensino. Filosofia. Discurso. Retórica.

SOPHIST TEACHING

Abstract: The present research aims to analyze the teaching methodology employed by the sophists when teaching persuasion techniques to young Athenians. Teaching in Ancient Greece, especially in Athens, was more relevant among young people, to whom the main precepts on politics were passed, making them the biggest target audience of the sophists. The research has as specific objectives to investigate the existence of the teaching method used by the sophists and its importance for the social and political evolution of Athens. The theme is relevant to the understanding of sophistry teaching, especially with regard to rhetoric.

Keywords: Sophists. Teaching. Philosophy. Speech. Rhetoric.

1. Introdução

A educação é o meio mais eficiente pelo qual os grupos sociais têm de conservar, manter e também de transmitir às suas próximas gerações peculiaridades como a cultura, costumes, tradições e demais atributos que formam a identidade de um povo. Desse modo, podemos afirmar que a educação não é algo individualizado, mas sim comunitário. Dela resultam as normas que regem o bom viver em sociedade, tanto nas relações pessoais, familiares, profissionais, enfim, a educação serve como bússola do agir primeiro do ser social.

* Advogada, Graduada em Filosofia, Graduada em Letras Vernáculas, Pós-graduada em Direito Civil e Processual Civil, Pós-graduada em Ensino de Filosofia, Mestranda em Filosofia da linha de pesquisa conhecimento e linguagem do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.

Uma característica e qualidade da educação é que ela pode e deve ultrapassar as barreiras do tempo e do espaço, e essa assertiva pode ser facilmente comprovada a partir do momento em nos damos conta de que a educação existente na antiguidade clássica representa as bases da educação ocidental atual. Isso quer dizer que o sistema de ensino adotado na Grécia Antiga ainda exerce, de certa maneira, influência na educação que conhecemos e praticamos nos dias atuais.

Toda a Grécia Antiga, especialmente a cidade de Atenas, passou por intensas mudanças durante o século V a.C. e elas atingiram também o sistema de ensino que era empregado na *pólis*. Pensadores como Sócrates, Platão, Aristóteles e também os integrantes do movimento sofista foram os principais responsáveis pela democratização da educação da Grécia Antiga no período acima mencionado. Há quem ponha em cheque o ensino que era ofertado pelos sofistas. Essa desconfiança parte basicamente dos críticos desse movimento, posto que partem do pressuposto de que, como os sofistas não tinham compromisso com a verdade, eles não seriam capazes de transmitir conhecimento, o que não é verdade, como será demonstrado nas linhas que se seguem.

A pesquisa tem como objetivo geral fazer uma análise sobre o método de ensino adotado na Grécia Antiga, especialmente o existente nos idos do século V a.C.. O objetivo específico é investigar se havia um método de ensino empregado pelos sofistas e qual a importância dele para a evolução social e política de Atenas.

O presente trabalho possui relevância tendo em vista que existem poucos estudos¹⁶⁷ acerca da relevância do papel dos sofistas e sua interferência na educação. Interferência esta que fomentou sobremaneira o estudo da retórica. A metodologia empregada na pesquisa foi a bibliográfica, o qual se operou por meio de uma leitura filológica, bem como da análise filosófica analítica detalhada do material secundário, composto basicamente de obras que tratam do movimento sofista e seus principais representantes.

¹⁶⁷ Muitos dos estudos que tem como tema central a figura dos sofistas, parte da visão deixada por Platão em seus textos, conforme se observa em breve pesquisa realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Quando direcionamos o nosso olhar ao ensino que era ofertado pelos sofistas, não foram encontrados estudos específicos sobre o tema, mas apontamentos realizados no interior de trabalhos das mais variadas áreas do saber, especialmente na área da educação, sendo os últimos trabalhos do ano de 2018. Para nossa surpresa, não foi localizado nenhum trabalho nesse sentido tendo como área de conhecimento, avaliação ou concentração Filosofia.

2. A educação na Grécia Antiga

A educação é elemento de suma importância para a formação identitária de uma pessoa, e isso não era diferente na Grécia Antiga. O território que conhecemos hoje como Grécia Antiga era formado pela junção de várias cidades-estados situadas às margens do Mar Egeu e que passaram por um longo processo de desenvolvimento entre os séculos VIII e V a.C.. Cada *pólis* (cidade) grega possuía autonomia política, socioeconômica e cultural. A autonomia da *pólis* também lhe concedia o poder de instituir seu próprio sistema de ensino e, assim, escolher como seus cidadãos seriam educados. Convém registrar que a maneira como cada *pólis* tratava a sua educação estava intimamente ligada com a forma pela qual a sociedade se organizava e quais seriam os seus ideais.

Um fato que era comum em boa parte das cidades era a influência de Homero¹⁶⁸ na educação dos gregos. A poesia homérica exerceu grande participação na formação do homem grego, uma vez que, a princípio, a educação grega ficava a cargo dos poetas e escritores que transmitiam ensinamentos, bem como os valores éticos por meio dos mitos e das epopeias. A respeito da influência de Homero na educação grega, Jacqueline de Romilly ressalta que:

[...] Além do exercício prático da leitura e da escrita, as crianças se especializavam em leitura dos poetas: em Homero e nos líricos. [...]. Homero, sobretudo, era a Bíblia com a qual alimentavam as crianças. E os atenienses tinham compreendido o que nós esquecemos com frequência: que é por intermédio dos textos literários que melhor se aprende a viver em seu século. (2017, p. 83-84).

Ainda no tocante ao uso da poesia homérica na educação grega, Werner Jaeger, em sua obra *Paideia – a educação do homem grego* chama atenção para o fato de que ela também influenciou na formação de grandes filósofos do Período Clássico, a exemplo de Platão e Píndaro:

O desenvolvimento das formas espirituais da educação homérica da nobreza, através de Píndaro e até a filosofia de Platão, é absolutamente orgânico, permanente e necessário. Não é uma 'evolução' no sentido seminaturalista que a investigação histórica costuma empregar, mas um desenvolvimento essencial de uma forma original do espírito grego, que, na sua estrutura fundamental, permanece idêntico a si próprio através de todas as fases da sua história. (2013, p. 59).

¹⁶⁸ Homero foi um poeta que atuou na Grécia Antiga. A ele são atribuídas a autoria dos poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*.

Na Grécia Antiga a educação era tida como uma prática política. Em certa medida ela se dava de maneira informal e nas Ágoras, local muito utilizado para manifestações políticas e, por conseguinte, de aprendizado para todos os homens. Mas nem sempre o interesse pelo saber político foi tido como primordial. A princípio os interesses educacionais na Grécia Antiga giravam em torno da prática esportiva, alguns anos depois é que os estudos das letras e dos cálculos passaram a integrar o sistema educacional grego. Durante esse período a educação na Grécia Antiga, mais precisamente em Atenas, era inicialmente dividida em dois ramos principais: a educação física ou do corpo, que consistia no aprendizado da *gymnastike* e da *mousike*, e a educação intelectual.

A educação de Atenas valorizava o ensino que estivesse ligado ao corpo, com os esportes, além daqueles que intimamente relacionados com a guerra e era justamente este o objeto de estudo da *gymnastike*. Por meio dela eram passados os ensinamentos dos ideais dos militares, tais como a força, a resistência e a preparação para a guerra, isto porque ter um corpo fisicamente apto e pronto para os combates era de extrema importância para os atenienses. O ensino físico tinha ainda como um dos principais fins servir de meio para melhorar a aparência, bem como funcionar como uma espécie de garantia de boa saúde na velhice.

Com relação à *mousike*, insta registrar que ela era formada pela junção de ensinamentos de música, dança, letras e poesia. Ela era a responsável por transmitir aos alunos as noções de beleza e nobreza, além da apreciação pela harmonia e ritmo nas expressões artísticas. Dava-se muita importância ao ensino da música. Inclusive Platão considerava o ensino da música importante para a formação do jovem grego, mas já no final de sua vida passou a criticar esse ensino.

Com o passar do tempo, a educação ateniense passou a ter como um dos principais objetivos: preparar os cidadãos para a política, por meio do ensino da retórica, ao fim de que os jovens, especialmente, estivessem prontos para falar em público. A busca pelo conhecimento fez com que a filosofia tomasse forma e fosse declarada como essencial para a formação homem, do seu espírito e de sua alma, já na Grécia Antiga. Como bem mencionado por Antônio Severino:

[...] A filosofia torna-se uma *paideia* na medida em que, necessariamente, se destina a formar a coletividade humana. Por isso

mesmo, e na exacerbação, todo filósofo é um educador da cidade. Não sem razão, impõem-se insistir em que o compromisso fundamental do conhecimento é com a construção da cidadania, entendida esta como uma forma adequada porque realizando uma necessária qualidade de vida, que o próprio conhecimento, ferramenta privilegiada da espécie, lhe permite configurar historicamente. (2009, p. 22).

O despertar do interesse pelo conhecimento e pelo papel do homem na sociedade fez com que aumentasse a procura pelo ensinamento dos filósofos, especialmente aqueles passados por Sócrates, Platão e Aristóteles.

Sócrates buscava com o seu método de estudo, que era direcionado mais precisamente aos jovens atenienses, a busca pela verdade como meio de se chegar à sabedoria. O referido método era denominado como maiêutica, onde ele fazia uma série de questionamentos para seus alunos com a finalidade de que o conhecimento chegasse à luz por eles mesmos, no processo chamado de parto das ideias.

No tocante ao método de ensino empregado por Platão, o mesmo tinha como premissa a ideia de que vivemos em um mundo sensível e para se alcançar a verdade se faz necessário que busquemos o mundo inteligível, mundo esse onde estaria a essência das coisas. O Mito da Caverna de Platão exemplifica bem o pensamento que ele tinha a respeito da busca pela verdade¹⁶⁹. Já Aristóteles defendia a tese de que o homem se realizaria plenamente somente na *pólis*, onde era possível a busca do bem supremo. Para ele, o conhecimento seria alcançado pela relação de nossos sentidos com o mundo visível. Para o estagirita o Estado deveria ser o responsável pela educação. Em meio ao ensino que era oferecido pelos grandes filósofos, surgiram os sofistas, propondo um novo objeto de estudo e, por conseguinte, uma nova técnica.

3. O ensino dos Sofistas

Atenas passou por muitas mudanças no decorrer de sua história, mas elas se intensificaram no século V a.C. e a principal delas se deu no campo político com a

¹⁶⁹ O mito da caverna foi escrito por Platão e faz parte dos textos que compõe a obra intitulada A República (Livro VII). Platão pretendia com esta alegoria demonstrar, de forma pedagógica, como o ser humano poderia se libertar da escuridão, que na obra representa a ignorância. Segundo o filósofo, a liberdade seria alcançada tão logo os prisioneiros que estavam na caverna decidissem buscar a verdade, que seria a luz.

instauração da democracia¹⁷⁰. Com a mudança do estilo de governo de aristocrático para democrático surge a necessidade de se ensinar a arte de falar em público, ensino este que era a principal pretensão daqueles que compunham o movimento sofista. Sobre o papel dos sofistas em meio a essa transação de modelo de governo, Casertano (2010, p. 17) no diz:

Os sofistas se apresentam, então, em primeiro lugar, como os “novos mestres”, aqueles que satisfazem a essa nova exigência do “saber falar”, que não é uma exigência puramente retórica, mas tem um claro valor político e social: expressar-se de modo convincente, obter consenso, fazer valer as próprias razões, significava libertar-se de um complexo de inferioridade em relação às classes aristocráticas tradicionalmente detentoras do poder e do consenso.

Mas quem eram os sofistas? O termo sofista é derivado do grego *sophos*, que significa sábio ou perito. Tal corrente filosófica tinha como uma de suas principais funções instruir os jovens atenienses com técnicas de convencimento de modo que estes pudessem discursar e exhibir suas ideias sobre os mais variados assuntos. Alguns integrantes do movimento sofista também foram responsáveis por transmitir aos atenienses algumas técnicas de apresentação de defesas jurídicas, a exemplo de Górgias¹⁷¹.

Em meados do século V a.C. Atenas se tornou o maior centro do movimento sofista e isso se deu justamente em razão do desenvolvimento das instituições democráticas. Como nos diz Kerferd (2003, p. 24), os sofistas eram “mestres do ideal de virtude política (ou, mais simplesmente, de como ser bem sucedido na política)”. Os sofistas ensinavam a melhor maneira de ser para governar uma cidade, tornando-se assim muito importante na formação dos jovens atenienses. Os seus ensinamentos iniciavam aqueles que os procuravam, de vasto material linguístico, cultural, retórico e demais outros saberes que se fizessem necessários, para a atuação ativa na vida política da *pólis*.

¹⁷⁰ A democracia praticada em Atenas não se parecia em nada com a que temos nos dias atuais. Apesar de o termo significar governo em que o povo exerce a soberania, a democracia não era exercida pelo povo, apenas alguns homens detinham o direito de participar da vida política ateniense.

¹⁷¹ Górgias é considerado por alguns pesquisadores, a exemplo de Giovanni Casertano, um dos mais importantes representantes do movimento sofista. Não se sabe muito sobre sua história, mas um fato é pacífico entre os seus pesquisadores: acredita-se que por volta dos anos 427 a.C, ele fizera uma viagem para Atenas a fim atuar como embaixador de Leontinos e foi nesse momento que passou a atrair a atenção dos atenienses para seus discursos. Uma das características mais marcantes de Górgias era a sua técnica de argumentação e ensino.

Conforme destaca Werner Jaeger, o ensino sofístico ia muito além do que era ensinado até então, já que a educação estava mais ligada às questões do corpo e da gramática. O ensino retórico e da dialética eram imprescindíveis para o novo momento vivido em Atenas, que passava a se preocupar com as questões sociais do seu povo:

Ao lado da formação meramente formal do entendimento, existiu igualmente nos sofistas uma educação formal no mais alto sentido da palavra, a qual não consistia já numa estruturação do entendimento e da linguagem, mas partia da totalidade das forças espirituais. É Protágoras quem a representa. A poesia e a música eram para ele as principais forças modeladoras da alma, ao lado da gramática, da retórica e da dialética. É na política e na ética que mergulham as raízes desta terceira forma de educação sofística. Distingue-se da formal e da enciclopédica, porque já não considera o homem abstratamente, mas como membro da sociedade. É dessa maneira que coloca a educação em sólida ligação com o mundo dos valores e insere a formação espiritual na totalidade da *areté* humana. Também sob essa forma é educação espiritual; simplesmente, o espírito não é considerado através do ponto de vista puramente intelectual, formal, ou de conteúdo, mas sim em relação com as suas condições sociais. (JAEGER, 2013, p. 342-343).

Os sofistas apresentavam uma sabedoria de uso prático, tanto no campo da política¹⁷², quanto no campo na arte retórica. Saber se comunicar, ser ouvido, ter a atenção do público, era essencial durante esse intenso período de mudanças, e os novos mestres estavam prontos para preparar seus alunos para todo tipo de discurso. Como destaca Guthrie (2007, p. 52), “Constituía parte da instrução retórica ensinar o aluno a argumentar com igual êxito sobre ambos os lados da questão”. Mas para ter acesso a este ensino – a educação ofertada pelos sofistas – era preciso pagar e algumas vezes bem caro. Estudiosos afirmam que alguns sofistas acumularam grandes riquezas, com seu ensino, a exemplo de Górgias. A respeito disso, Jacqueline de Romilly destaca que:

[...] os sofistas, ao deterem uma *téchne* imediatamente eficaz e transmissível, demonstravam, pelo mesmo fato de pedir dinheiro, essa eficácia e esse valor prático de suas lições. O sucesso que prometiam podia justificar a cobrança de uma retribuição, enquanto que a busca pela verdade não ensejava tal. (2017, p. 86).

¹⁷² O termo política tem sua origem na palavra grega πολιτεία (politeía), cujo significado estava ligado aos atos e procedimentos relativos à Pólis, como eram chamadas as cidades-estados gregas. A função dos políticos nessa época, especialmente no século V a.C. era a busca pelo bem comum para a comunidade. Ocorre que, com o passar dos anos, o termo política vem se distanciando do sentido inicial empregado na Grécia Clássica. Hoje o termo política vem se aproximando cada vez mais da politicagem, ou seja, uma política baseada nos interesses pessoais do governante, na troca de favores, ou de realizações insignificantes.

Os integrantes do movimento sofista costumavam lecionar por meio de conversações, que poderiam ser agrupadas. Por vezes eles também faziam comunicações públicas dirigidas não só aos que lhe efetuavam pagamentos, mas a todos que manifestassem interesse em ouvi-los, e não eram poucos. Os sofistas aproveitavam também esse momento para responder alguns questionamentos dos que ali estavam e às pessoas que adquiriam conhecimento por meio do ensino sofisticado foi dado o nome de intelectuais.

Por oportuno, vale destacar que o método sofisticado não se restringia apenas à apresentação de discursos. Alguns sofistas lecionavam por meio de perguntas e respostas; e como exemplo, podemos citar Protágoras, que, segundo conta Platão no *Protágoras*, se destacava nos dois métodos de ensino¹⁷³.

Alguns críticos do movimento sofista põem em cheque o caráter educativo que os integrantes desse movimento tinham e que passaram aos gregos, mas Werner Jaeger (2013, p. 335) elimina de forma bem objetiva qualquer dúvida que ainda possa existir a esse respeito. E não só, ele também afirma que os sofistas possuíam um sistema de ensino. Vejamos:

Inicia-se no tempo de Sófocles um movimento espiritual de incalculável importância para a posteridade. Já tivemos de falar dele. É a origem da educação no sentido estrito da palavra: a *paideía*. Foi com os sofistas que essa palavra, que no século IV e durante o helenismo e o império haveria de ampliar cada vez mais a sua importância e a amplitude do seu significado, pela primeira vez foi referida à mais alta *areté* humana e, a partir da “criação dos meninos” – em cujo simples sentido a vemos em Ésquilo, pela primeira vez¹ –, acaba por englobar o conjunto de todas as exigências ideais, físicas e espirituais, que formam a *kalokagathía*, no sentido de uma formação espiritual consciente. No tempo de Isócrates e de Platão, está perfeitamente estabelecida essa nova e ampla concepção da ideia da educação. (2013, p. 335)

Apesar de todo o sucesso entre os atenienses, o ensino retórico dos sofistas logo foi desvirtuado e começou a ser tido como discursos ilusórios e que não tinham comprometimento com a verdade. Muitos afirmam que os discursos sofisticados, e aqui deve ser incluído seu método de ensino, eram tomados de subjetividade, relativismo e em certa medida de ceticismo. Sobre esse equívoco, Jaeger aduz:

¹⁷³ Platão, *Protágoras* (329b1-5, 334e4-335a3).

É, porém, historicamente incorreto e inibe toda a compreensão autêntica daquela importante época da história da educação humana sobrecarregá-la de problemas que aparecem apenas numa fase posterior da reflexão filosófica. Do ponto de vista histórico, a sofística é um fenômeno tão importante como Sócrates ou Platão. Além disso não é possível concebê-los sem ela. (2013, p. 341).

Outros criticavam o fato de os sofistas se declararem capazes de falar sobre qualquer assunto¹⁷⁴, mas críticas aos sofistas giram em torno basicamente de um elemento: o ensino da virtude e as questões que acompanhariam esse suposto ensino. De fato a virtude no sentido de qualidades básicas que uma pessoa deve ter para viver bem em sociedade, não podem ser ensinadas. Mas a boa oratória é passível de assimilação e transmissão pelo ensino, e era isso que os sofistas sabiam fazer muito bem, conforme destaca Jaeger, *in verbis*:

[...] É certo que as qualidades fundamentais de um homem de Estado não se podem adquirir. São inatos o tato, a presença de espírito e a previsão, qualidades que Tucídides exalta acima das outras em Temístocles. Pode-se, no entanto, desenvolver o dom de pronunciar discursos convincentes e oportunos. [...] No Estado democrático, as assembleias públicas e a liberdade de palavra tornaram indispensáveis os dotes oratórios e até os converteram em autêntico leme nas mãos do homem de Estado. A idade clássica chama de orador o político meramente retórico. [...]

Nesse ponto, devia basear-se na eloquência toda a educação política dos chefes, a qual se converteu necessariamente na formação do orador [...] Sob essa luz, torna-se compreensível e ganha sentido o fato de ter surgido uma classe inteira de educadores que publicamente ofereceram, por dinheiro, o ensino da “virtude” – no sentido acima indicado. (2013, p. 339-340).

Sócrates foi um dos críticos do movimento sofista, mas apesar disso era conhecido por muitos atenienses como sendo um dos integrantes desse movimento, como explicita Kerferd:

Fica assim claro que Sócrates era geralmente considerado parte do movimento sofista. Mediante sua notória amizade com Aspásia, é provável que estivesse em contato bem íntimo com o círculo de Péricles, e seu impacto intelectual e educacional sobre os jovens ambiciosos em Atenas era tal que foi, nessa função, corretamente considerado sofista. O fato de não receber pagamento não altera em nada a sua função. (KERFERD, 2003, p. 98-99).

¹⁷⁴ Conforme apontam algumas passagens de obras platônicas, a exemplo do Górgias (447 d), os sofistas declaravam ter capacidade de falar sobre qualquer assunto, fato que levantou a dúvida e a desconfiança de muitos.

E segue:

Diferentemente dos platônicos, diz Aristóteles, Sócrates não separava os universais ou as definições das coisas às quais se aplicavam. Mas isso também se ajusta muito bem ao retrato de outros, entre os sofistas, que também se ocupavam com a busca do logos mais forte ou o logos correto em relação às afirmações conflitantes de logoi aparentemente opostos. É deste ponto de vista que proponho que Sócrates deva ser tratado como tendo um papel a desempenhar dentro do movimento sofista. (KERFERD, 2003, p. 99-100).

Ésquines, o orador, se referia a Sócrates como sofista, assim como também o fez Aristófanes em sua obra *Nuvens*. Muito “embora ele não aceitasse nenhum pagamento e seja constantemente apresentado por Platão como o oponente inveterado dos sofistas” (GUTHRIE, 2007, p. 36). Henry Sidgwick também nos mostra essa visão do Sócrates sofista:

Mesmo o mais leve tom de desaprovação é suficiente para fazer com que o indivíduo e seus amigos evitem tal termo: tal como vemos acontecer com o uso dos termos “advogado” e “procurador”. Portanto, é muito provável que discípulos do sábio martirizado e aqueles que aprenderam com eles nunca tenham chamado Sócrates de sofista. Mas que o público ateniense o tivesse considerado como tal, inteligentemente ou não, é certamente inegável [...] Os atenienses viam Sócrates como o mais popular e notável entre os professores a quem os jovens recorriam, com o objetivo confesso de aprender a virtude ou a arte da conduta, e com o ainda mais evidente resultado de aprender uma perigosa destreza nos discursos; enquanto tal, eles o chamavam de sofista. (MARQUES, 2017, p. 26).

Nesse mesmo sentido Romilly (2017, p. 89) aduz que Sócrates tinha alguns pontos de convergências com os sofistas em relação ao método de ensino utilizado. Mas não só: “ele também discutia sobre problemas humanos e noções morais. Como eles, gostava de argumentar, definir, desconcertar. Adversário dos sofistas em relação aos objetivos, parecia-se com eles nos meios e nos métodos”.

Apesar das semelhanças entre Sócrates e os sofistas, o ensino destes se mostrava bem diferente do ensino praticado por Sócrates. Os críticos dos sofistas sustentam a tese de que eles só estariam preocupados com a fama, a glória e a honra como uma espécie de valores externos a serem alcançados, enquanto que o ensino socrático tinha por finalidade a busca do conhecimento, da técnica e da ética, servindo estes instrumentos como valores internos a serem realizados.

Nesse ponto também há controvérsias. Os sofistas se julgavam como professores qualificados para o ensino de tudo aquilo que era preciso para a formação intelectual do homem, especialmente os jovens atenienses. Como bem asseverado por Romilly:

Mas eis que entram em cena os mestres itinerantes! Oferecem essa formação e a vendem! Ensinam a falar, a raciocinar, a julgar, tal como o cidadão deverá fazê-lo por toda sua vida. E ensinam os jovens que já tenham recebido a instrução tradicional. Trazem-lhes algo mais que o esporte e a música, algo mais que os poetas de tempos passados: os armam para um sucesso que não se baseia na força e no valor, e sim no uso da inteligência.

A prática da inteligência era comum tanto aos sofistas quanto aos filósofos. Porém, era agora exercitada por aqueles que de um modo novo e para fins novos. Esses mestres não eram como os filósofos, cujo papel acabamos de evocar, teóricos desinteressados em busca de verdades metafísicas: a instrução que facilitavam era também prática, e devia ser tão eficaz na vida quanto uma técnica profissional. Porém, seu alcance excedia a cadeia das profissões: ela era uma *téchne* para o cidadão. (2017, p. 85).

Do ensino sofista deveria esperar-se a formação de homens bons na arte da oratória, além de competentes e sagazes, qualidades estas indispensáveis para um futuro promissor na carreira política de Atenas. Conforme bem mencionado por Jaeger (2013, p. 339) “Era a eles que acorriam os que desejavam formar-se para a política e tornar-se um dia dirigentes do Estado”.

Como já mencionado, Atenas estava passando nos idos do século V a.C. por intensas mudanças, dentre elas o crescimento e fortalecimento do regime democrático, e por conta disso o discurso passou a ganhar notoriedade, e não havia melhores professores de retórica e eloquência do que os sofistas que, com suas técnicas de ensino, representavam as mudanças políticas vividas por Atenas. Eles eram a demonstração vívida dos novos rumos políticos e sociais e apresentavam um modelo de ensino e um modo de pensar novos, originais. O sucesso dos sofistas de fato era algo inevitável, afinal, “a novidade” sempre acaba por despertar o interesse de grande parte da população. Em que pese as mais variadas críticas de alguns filósofos, eles também foram considerados os melhores mestres para transmitir os conhecimentos indispensáveis para um sucesso na carreira política no período compreendido pelo século V a.C., já que para isso era necessário ter uma boa oratória e eles, mais do que quaisquer outros, sabiam como fazer isso muito bem.

Insta mencionar que os integrantes do movimento sofista recebiam o apoio de Péricles, estadista que governou Atenas no período acima mencionado, sendo considerado um dos principais líderes democráticos com elevado destaque no campo político.

Um ponto que merece destaque acerca da intenção de grande parte dos sofistas, era deixar claro, por meio de seus discursos e métodos de ensino, que existe a possibilidade de ensinar várias coisas, inclusive aquelas ligadas ao agir do homem na sociedade, contrariando a ideia até então defendida de que a hereditariedade pesaria mais sobre uma pessoa do que qualquer ensinamento que ela pudesse vir a aprender.

Há de se ressaltado ainda que, após cerca meio século do aparecimento dos primeiros grandes sofistas, foi aberta em Atenas uma escola dedicada ao sofismo, como uma espécie de ensino intelectual que garantiria aos seus alunados a recepção de ensinamentos ligados ao saber, de uma forma geral, e em especial, a formação política, indicando as intensas mudanças pela qual a cidade grega passou e deixando clara a grande importância dos sofistas na nova Atenas.

Fato é que os sofistas desempenharam um papel de elevada importância para o ensino e sua evolução até os dias atuais, como destaca Jaeger (2013, p. 343) ao afirmar que “Nunca podemos deixar de nos maravilhar diante da riqueza dos novos e perenes conhecimentos educativos que os sofistas trouxeram ao mundo”. Assim, temos que o ensino sofista foi de suma importância não só para Atenas, como também para toda a sociedade que nasceu e se desenvolveu depois dela. O ensino retórico, em especial, é de grande valia e merece seu devido reconhecimento e destaque.

4. Considerações finais

Boa parte dos gregos, a exemplo dos atenienses, tebanos e espartanos, teve originariamente uma educação aristocrática, onde o método de ensino envolvia a utilização das epopeias, ou narrativas homéricas, acreditando-se que assim seria possível formar o homem ideal, pois tais narrativas despertariam neles algumas virtudes indispensáveis para o homem grego: coragem, prudência e astúcia. Além disso, as narrativas homéricas proporcionavam aos jovens estudantes uma grande capacidade de compreensão da língua grega clássica, bem como do ritmo dos versos, o que facilitava a comunicação em todas as atividades, como na política, na guerra entre outras.

O ensino de filosofia é bastante importante, especialmente para os adolescentes, pois é nessa fase da vida, de intensas mudanças internas e externas, que há a formação da pessoa, e somente pela educação é possível realizar mudanças concretas. Os gregos, mais precisamente os atenienses, já sabiam muito bem disso. E era justamente na fase da adolescência que os jovens atenienses aprendiam os primeiros ensinamentos sobre política, tornando assim, alvo dos sofistas.

Os sofistas se tornaram em pouco tempo bem famosos em Atenas. Suas técnicas de ensino, o ardor e a paixão empregados em seus discursos chamaram a atenção e despertaram em muitos atenienses de um lado admiração e de outro desprezo, este último vindos especialmente daqueles que eram conhecidos do povo como filósofos.

As críticas em torno dos sofistas giram em torno da acusação de que os integrantes desse movimento não tinham compromisso com a verdade e, por tal motivo, não deveriam ser considerados como bons professores e sim enganadores. Os sofistas apresentaram um método de ensino novo e que auxiliou muito no crescimento político de Atenas, uma vez que eles ensinavam especialmente aos jovens a se tornarem grandes e promissores oradores, um atributo essencial para aqueles que almejavam a carreira política.

Perante um sistema de ensino tão arcaico e em certa medida opressor, já que não era garantido a todos o acesso ao ensino e a participação em certas discussões, a ousadia dos sofistas em propor levar aos seus ouvintes, pagantes ou não, a possibilidade de pensar e falar sobre política e também justiça, contribuiu muito não só com o crescimento intelectual de Atenas, mas também de toda a humanidade. Por tal motivo, merecem ser alvo de maiores estudos e atenção que em parte ainda lhes são negados.

Referências

ARANHA, M. L. de A. **História da Educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CABRAL, João Francisco Pereira. **A educação na Grécia clássica: dos sofistas a Platão**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-educacao-na-grecia-classica-dos-sofistas-platao.htm>. Acesso em 09 de dezembro de 2020.

CASERTANO, Giovanni. **Sofista**. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2010.

EDUCAÇÃO GREGA - <https://www.historiadomundo.com.br/grega/educacao-grega.htm> - acesso em 09/12/2020.

EDUCAÇÃO NA ANTIGUIDADE CLASSICA - <http://estacio.webaula.com.br/cursos/go0393/te0004/index.html> - Acesso em 09/12/2020.

GUTHRIE, W. K. C. **Os Sofistas**. 2 ed. Tradução de João Rezende da Costa. São Paulo: Paulus, 2007.

JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KERFERD, G. B. **O movimento sofista**. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MANACORDA, M. A. **História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARQUES, Marcelo P. (org), **Filosofia dos Sofistas: Hegel, Capizzi, Versényi, Sidgwick**. Tradução de Verlaine de Freitas et al. São Paulo: Paulus, 2017.

PLATÃO. **Diálogos I: Teeteto (ou do conhecimento), Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofistas)**. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2007.

_____. **Diálogos II: Górgias (ou da retórica), Eutidemo (ou da disputa), Hípias Maior (ou do belo), Hípias Menor (ou do falso)**. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2007.

ROMILLY, Jacqueline de. **Os grandes sofistas da Atenas de Péricles**. Tradução de Osório Silva Barbosa Sobrinho. São Paulo: Octavo, 2017.

SILVEIRA, Renê José Trentin, GOTO, Roberto (Org.). **A filosofia e seu ensino**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

SOUZA, N. M. M. (Org.). **História da Educação: Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna, Idade Contemporânea**. São Paulo: Avercamp, 2006.

UNTERSTEINER, Mario. **A obra dos sofistas: uma interpretação filosófica**. Tradução de Renato Ambrósio. São Paulo: Paulus, 2012.